

visão

25 ANOS

1/AGOSTO/1977

Cr\$ 20,00

1977

BNDE
O que se fala,
o que se faz

COMO CONTROLAR A INFLAÇÃO?

pag. 85



Roberto Carli



a nação

- ◀16 **Altos e baixos de uma ordem jurídica sesquicentenária**
A propósito das comemorações, no próximo dia 11 de agosto, dos 150 anos da criação dos cursos jurídicos no Brasil, juristas, professores e políticos falam sobre as experiências deste século e meio.
- 22 **Sucessão:** A mão do gato
- 24 **Arena Jovem:** Comportamento de oposição
- 26 **Estatização:** Comparações
- 28 **Vacinação:** Dose reforçada
- 30 **Utilidade pública:** Sem isenções?
- 32 **Garimpo:** Mudança forçada

o mundo

- 36 **Estados Unidos adotam nova estratégia militar**
A decisão de substituir os bombardeiros B-1 pelos mísseis Cruise não só muda os planos americanos de defesa como cria empecilhos às SALT.
- 38 **Turquia:** Sem muitas perspectivas
- 40 **URSS:** Líder doente?
- 41 **Peru:** Os maus momentos do regime

economia

- ◀48 **Desenvolvimento, arma contra a inflação**
Promover o desenvolvimento acelerado pode ser uma das melhores fórmulas para combater a inflação e conter o desemprego.
- 55 **BNDE:** O que se fala, o que se faz
- 58 **Fontes de energia:** Os subprodutos da madeira
- 60 **Aviação:** Bandeirante, produto de exportação
- 64 **Progiro:** Demagogia oficial leva à distorção
- 66 **Propaganda:** Código de ética

ciência e tecnologia

- 69 **A milionária batalha dos cigarros**
O Governo desestimula os fumantes e a indústria promove seus novos cigarros sem nicotina. Resultado: uma guerra publicitária de bilhões de cruzeiros agita a Inglaterra.
- 70 **Ecologia:** Contra a poluição bastam vitaminas?
- 71 **Pesquisa:** Riqueza incerta

cultura

- 72 **Planos para recuperar uma tradição**
Enquanto os artistas se associam para decidir assuntos da classe, o Governo paulista e o SNT se esforçam por dar condições de trabalho às companhias circenses.
- 76 **Teatro:** Um novo destino para o antigo Arena
- 77 **Censura:** Só burocracia?
- 80 **Tendência:** O diabo perdeu

seções

- | | | | |
|----|------------------|----|---------------|
| 4 | Cartas | 83 | Livros |
| 11 | Editorial | 84 | Música |
| 13 | Bastidores | 84 | Discos |
| 14 | Tome nota | 85 | Artes visuais |
| 35 | Imprensa mundial | 86 | Registro |
| 82 | Teatro | 88 | Humor |
| 82 | Cinema | 90 | Mosaico |
- Capa: Norberto Conti

Homenagens

Lasar Segall, no Museu Lasar Segall, até 24 de agosto. São Paulo.

Homenageia-se neste mês de agosto o expressionista Lasar Segall — o primeiro pintor a realizar uma exposição de arte moderna no país (São Paulo e Campinas, 1913). Há vinte anos morreu Segall, há dez, sua esposa, Jenny Klabin Segall, idealizadora e criadora do Museu Lasar Segall em São Paulo. E aproveita-se a mostra comemorativa para marcar também os trinta anos do Museu de Arte de São Paulo, o primeiro a realizar uma retrospectiva do pintor, em 1951.

Numa visão atual, bem distanciada da antiga província paulistana em que Segall viveu, pode-se afirmar sem susto que sua obra vai crescendo de importância com o passar dos anos. Emergente da Escola de Dresden — uma facção do expressionismo alemão —, Segall foi fiel até o fim ao ideal de retratar os anseios, angústias e dilemas do homem universal. Isso pode ser constatado em telas como "Pogrom", "Navio de emigrantes", "Campo de concentração" ou o tríptico "Os condenados", como em sua temática social após a transferência para o Brasil.

Em séries como "Mangue", vê-se como o sofrimento, a



"Cabeça de russo", 1909

dor eram antes sentidos, para depois serem racionalizados e, enfim, tornarem-se obras. Revela-se também, ao contrário do que ocorre com os filiados à escola de Munique, voltados para a composição e a cor, satisfazendo-se com um mundo contemplativo, idílico e sereno, que em Segall a emoção suplantava a razão e que nem tudo é só estética.

Nessa exposição de Lasar Segall, pode-se notar melhor a participação do pintor no drama humano, seja num simples estudo de natureza morta, seja retratando um momento social e angustiante, como em "Viúva e filho", de 1919, ou ainda nas figuras da série "As erradias".

Alberto Beuttenmüller



"Família enferma", óleo realizado na década de 20

Concretos

Projeto construtivo brasileiro na arte, no MAM do Rio de Janeiro.

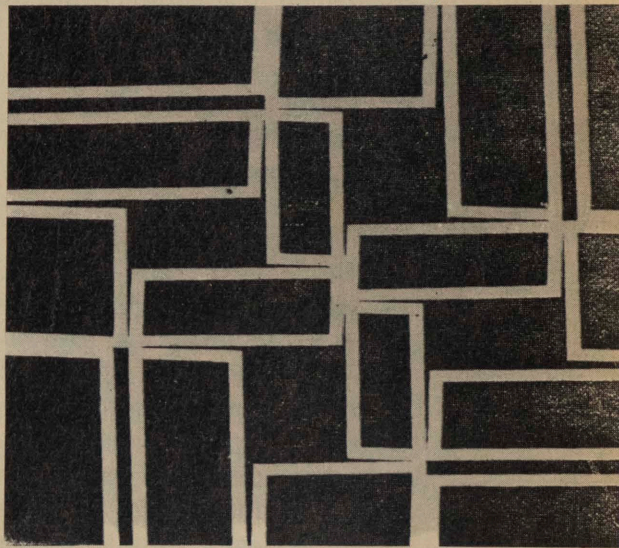
Embora o estímulo à pesquisa, ao questionamento e, principalmente, à abertura de horizontes criativos seja uma das facetas fundamentais de museus de arte moderna, a catalogação e mostra de artistas e tendências representativas da história da arte moderna e contemporânea é a outra face, distinguindo esse tipo de instituição de meras galerias. A exposição "Projeto construtivo brasileiro na arte" — um trabalho de organização do mais alto nível que envolveu a diretora da Pinacoteca do Estado de São Paulo e responsável por sua idealização, Aracy Amaral, e os artistas Lygia Pape e Ronaldo Rego Macedo — é um desses acontecimentos que justificam a existência de museus.

Surgido como uma tomada de posição altamente intelectualizada e abstrata em momentos de ruptura — não foi por acaso que o russo Malevitch desenvolveu o suprematismo de 1913 até 1920, quando o onipotente Estado soviético decretou as excelências do realismo socialista —, o construtivismo propõe a substituição da massa por linhas e planos cercando o espaço vazio; e os construtivistas, assim, visam à reconstrução do mundo, para isso expandindo sua atividade a todos os campos da arte, inclusive a arquitetura.

Baseada na proposta do concreto como manifestação autônoma e objetiva, como formulada pelo suíço Max Bill, a arte concreta partiu em busca de valores estruturados em si mesmos, sem relações com a natureza ou a sociedade — posição de extremo romantismo, jamais admitido por seus adeptos, mas que continha em sua profunda alienação os germes da modificação e do reengajamento. Isso ficou manifesto no breve momento do neoconcretismo no Brasil,

procedente da nova figuração. Mas, enquanto "tendência do abstrato geométrico" no país, o construtivismo está bem vivo e vem fertilizando até hoje a arte brasileira, influenciando em tendências jamais desligadas da idéia de reconstrução.

A exposição dividiu-se em quatro núcleos: artistas com trabalhos nitidamente construtivos realizados antes do surgimento dos grupos concretos e neoconcretos, como Ivan Serpa, Mary Vieira; participantes do concretismo e neoconcretismo, como Lygia Clark, Geraldo de Barros, Hélio Oiticica; artistas não vinculados ao movimento, mas rigidamente concretos,



Oiticica: óleo sobre tela, 1957

como Ubi Bava, Alfredo Volpi; artistas construtivistas na linguagem e contemporâneos do movimento concretista, como Maria Leontina, Samson Flexor, Rubem Valentim. Há ainda uma ala reservada à poesia concreta, ligada ao projeto dos irmãos Campos e Décio Pignatari.

Nunca é excessivo salientar a importância do movimento concretista no Brasil, nascido em São Paulo com plena maturidade na Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta, de 1956, e realizada no Rio de Janeiro no ano seguinte. Foi uma manifestação global, radical e excludente, que marcou um período de extraordinária fertilidade intelectual.

Georges Racz